

ESTÁ TUDO AZUL? AS RELAÇÕES DE TRABALHO NAS LAVANDERIAS INDUSTRIAIS DO PÓLO DE CONFECÇÕES DO AGRESTE PERNAMBUCANO

Ana Márcia Batista Almeida¹

Resumo

Este projeto de pesquisa tem como *locus* de análise o Pólo de Confecções do Agreste Pernambucano, particularmente as lavanderias industriais, importante elo da cadeia produtiva de confecções, cujo trabalho é caracterizado pelo uso de mão de obra intensiva. O nosso olhar concentra-se num esforço de caracterização das relações de trabalho praticadas nas lavanderias, chamando a atenção para: a) possíveis diferenças de dinâmicas entre portes diversos; b) mudanças recentes quanto à dinâmica formal-informal; c) ações de regulação pública da atividade e do trabalho, a partir de questões afloradas na área ambiental. A revisão da literatura versa sobre trabalho e relações de trabalho no período pós globalização; as características constitutivas do Pólo de Confecções, as interrelações com o segmento de lavanderias e as relações de trabalho precárias (historicamente praticadas). Para atingir ao propósito da investigação, o estudo será qualitativo, tratando-se de uma pesquisa descritiva, exploratória e documental, cuja coleta de dados acontecerá por meio de dados secundários e primários. Os dados secundários sobre a configuração do mercado formal das lavanderias serão obtidos na Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Os dados primários serão coletados por meio de entrevistas semi estruturadas e observação direta no campo em estudo.

Palavras-chave: pólo de confecções do agreste pernambucano; lavanderias industriais; relações de trabalho.

1 Introdução

Este projeto de pesquisa tem como *locus* de análise o Pólo de Confecções do Agreste Pernambucano, particularmente as lavanderias industriais, importante elo da cadeia produtiva de confecções, cujas atividades relacionam-se ao beneficiamento das peças (*jeans*, em especial), agregando-lhes valor em processos de lavagem, amaciagem, tingimento e descoloração.

Em todas as etapas, existe o uso de trabalho intensivo, apesar das máquinas e equipamentos. Este comportamento acompanha as atividades relacionadas à cadeia produtiva de confecção, conforme afirma Lima (2002, p. 26) ao explicar que “a relação imediata máquina de costura-operador, ainda é predominante no processo produtivo, o que torna o trabalho intensivo uma das características do setor”. Podemos nos referir, assim, também às lavanderias e às relações “máquinas de lavar-operadores”; “ferro de passar-operador”; “pistola de tingimento-operador”.

¹ Universidade Federal de Pernambuco - E-mail: anabatistaalmeida@gmail.com.

Neste cenário, o nosso olhar concentra-se num esforço de análise das relações de trabalho nas lavanderias, chamando a atenção para: a) possíveis diferenças de dinâmicas entre portes das empresas; b) mudanças recentes quanto à dinâmica formal-informal; c) ações de regulação pública da atividade e do trabalho, a partir de questões afloradas na área ambiental.

As lavanderias, objeto da investigação, estão localizadas em Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe – cidades-embriões do *Pólo de Confecções* -, Vertentes, Riacho das Almas e Surubim. Nessas cidades, o setor tem se organizado, mais recentemente, com a presença de associações empresariais² a partir de projetos do governo, que intencionam adicionar tecnologia ao processo produtivo e propor mudanças na organização do trabalho com vistas à competitividade e ao cumprimento de exigências legais dos órgãos ambientais.

O segmento situa-se e interage, a todo o tempo, com a dinâmica de constituição do *Pólo de Confecções*, permeada por distanciamentos e aproximações junto ao grande capital, gerando formas organizativas que ainda estão mostrando os seus contornos. O que significa dizer que apesar da força e do significado econômicos que o *Pólo de Confecções* apresenta para a região, não podemos caracterizá-lo como produto do capital³.

A denominação “Arranjo Produtivo Local” (APL) para o *Pólo* influencia a cadeia produtiva aproximando-a da lógica do capitalismo, o que se verifica nos convênios firmados (*i.e* Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID), intermediados pelo Estado, e nas parcerias com o SEBRAE e ITEP, que atuam como co-executores dos projetos e mobilizadores das lideranças locais.

1.1 Contextualização do tema e problemática

A discussão que este projeto propõe tem como substrato as mudanças no cenário político, econômico, social, cultural e tecnológico, após os anos 90, cujo fenômeno/conceito é a globalização ou mundialização⁴.

²Estas associações são de tipo representativa; representam a classe dos empresários do setor. Os encontros entre os associados acontecem em torno de projetos capitaneados pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e Instituto de Tecnologia de Pernambuco (ITEP) voltados às lavanderias. Na região, existem algumas associações dessa natureza, que são: Associação de Lavanderias de Caruaru (ALC), Associação Comercial e Industrial de Toritama (ACIT), Associação Comercial de Riacho das Almas (ACRA), Associação Comercial e Industrial de Vertentes (ACIV), Associação Comercial de Surubim (ACIASU).

A identificação dessas associações deu-se a partir de entrevista realizada junto ao SEBRAE em 2010.

³ Para maiores detalhes, consultar o trabalho intitulado “o *Pólo* de confecções do agreste de Pernambuco: ensaiando uma perspectiva de abordagem” (VÉRAS DE OLIVEIRA, 2011).

⁴ É necessário dizer que o ponto de ancoragem a partir do qual nos lançamos funda-se na percepção de que essa nova realidade política, econômica e social, teve/tem implicações diretas no fazer cotidiano de populações de diferentes regiões do globo. Se não podemos mensurar o grau de interpenetração dessas transformações no dia-dia das pessoas ligadas ao *Pólo* de Confecções; aceitamos, de partida, que há interferências.

Avanços tecnológicos, comunicação em rede, consumo em âmbito global e enfraquecimento dos Estados Nacionais são algumas características da globalização, que teve o seu destaque na esfera econômica, por meio da internacionalização do capital e o surgimento das empresas transnacionais desterritorializadas (VÉRAS DE OLIVEIRA; MOREIRA, 2009).

No âmbito político, os centros decisórios são deslocados e há um enfraquecimento dos Estados Nacionais, favorecendo as organizações multilaterais. Neste contexto, Ianni (2004) afirma que as repercussões sociais podem ser sentidas em novas configurações no mundo do trabalho, implicando em novas relações e contratos de trabalho (*i.e* subcontratação, trabalho temporário, terceirização).

No Brasil, a partir dos anos 90, com a abertura dos mercados e as privatizações, no Governo Collor, iniciou-se um processo de reestruturação produtiva, marcado por terceirização, subcontratação, enxugamento de quadros, caracterizando um cenário de flexibilização institucional do mercado de trabalho (COSTA, 2005). Qualificação e remuneração reduzidas eram as características predominantes dos postos de trabalho na época. Muitos trabalhadores oriundos das indústrias de transformação (em crise na disputa com os mercados globais) tornaram-se informais.

Em Pernambuco, no *Pólo de Confecções*, como estas alterações na conjuntura política, econômica, tecnológica e social aterrissaram? A realidade no local ainda está se conformando, apontando tendências, mas considerar a origem do APL pode nos indicar pistas quanto as suas reações perante o grande capital.

O *Pólo de Confecções* é um aglomerado produtivo e comercial situado na mesorregião do Agreste Pernambucano, tendo surgido a partir da iniciativa de comerciantes individuais que buscaram formas de sobrevivência em torno das feiras de confecção nos municípios de Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe, que concentravam grande parte da produção e comercialização das confecções.

Os empreendimentos eram familiares, na sua maioria, e a produção acontecia em pequenos espaços, muitos deles agregados à residência dos produtores. Logo, podemos afirmar que as condições de produção e trabalho eram informais, havendo poucos empreendimentos legalizados e trabalhadores com contratos de trabalho formais (VÉRAS DE OLIVEIRA, 2011b; RAPOSO; GOMES, 2003).

Nesta discussão, nossa primeira inquietação surge: o porte da empresa determina as condições de trabalho? Nesse contexto, então, a existência numerosa de micro e pequenos

empreendimentos “condenaria” o Pólo de Confecções à informalização (entendido como processo) da informalidade?

É certo que, após os anos 80/90, houve ações de instituições, a exemplo do SEBRAE que buscaram modificar a configuração do Pólo de Confecções, dando ares de modernidade às empresas que compunham o aglomerado produtivo. Nesta época, os incrementos no processo produtivo trazem à tona uma atividade relacionada à cadeia produtiva de confecções e que se torna estratégica para o alcance da competitividade almejada pelos atores participantes da governança do local. As lavanderias industriais, então, configuram-se como importante espaço onde as características da globalização parecem manifestar-se.

As lavanderias são um importante elo na cadeia produtiva porque agregam valor às peças, dando-lhes efeitos diferenciados e tornando as peças mais atrativas para os consumidores. As lavanderias surgem, nos anos 80, principalmente em Toritama, associadas ao beneficiamento do *jeans* (SILVA; GOMES, 2011).

“O cliente da lavanderia é a confecção”⁵. Esta frase ilustra o imbricamento entre os setores de confecção e lavanderia. Mas, ao que parece, as lavanderias estão se profissionalizando, buscando competitividade e formas de lidar com o debate da sustentabilidade. Projetos capitaneados pelo SEBRAE/ITEP, no início dos anos 2000⁶, tinham como “apelo” a redução da degradação ambiental, a modernização da gestão e o estímulo a práticas associativas.

Nessa disputa, exigências legais impuseram aos empresários ações de retração da degradação ambiental, reduzindo os níveis de poluição existentes, a partir da incorporação de novas tecnologias (*i.e* estação de tratamento de efluentes líquidos, dentre outros) ao processo produtivo. No entanto, o passivo ambiental soma-se ao passivo social, especialmente, no âmbito das condições e relações de trabalho nas lavanderias que se manifestam como precárias, parecendo acompanhar o quadro já demarcado do setor de confecções na região⁷.

Num cenário de jornadas extrapoladas, ambiente insalubre e redução de assalariamento e das proteções ao trabalhador, quais são as relações de trabalho prevalecentes

⁵ Afirmação dita por empresário durante reunião do Comitê Gestor do Projeto Consciência Limpa (Dados coletados por Alexandre Santos Lima, em 2011).

⁶ Projetos: APROLAV (2003-2006); Lavar sem sujar (2007-2008); Consciência Limpa (2009-2010); Lavanderias Industriais do Agreste (2011-2013), segundo dados de Helmut Muniz e Pedro Lenildo (ITEP) em palestra durante o I Congresso Brasileiro de Lavanderias, realizado em maio de 2011.

⁷ Estudos (*i.e* projetos de pesquisa, dissertações) realizados pelo GP Trabalho, Políticas Públicas e Desenvolvimento já confirmam a condição precária do trabalho no *Pólo de Confecções*.

nas lavanderias do *Pólo de Confecções*? Relações de trabalho do tipo informal, flexível, precária?

Diante de um cenário degradante que impõe a articulação entre os diversos atores sociais, podemos aprofundar a reflexão sobre as interpenetrações que essa realidade estabelece com a dinâmica do capital, definindo como propósito do estudo caracterizar as relações de trabalho nas lavanderias do *Pólo de Confecções*. Os objetivos intermediários são: a) caracterizar o trabalho e as relações de trabalho nas lavanderias, atentando para possíveis diferenças conforme o porte das empresas; b) analisar as mudanças recentes na dinâmica formal-informal e seus impactos nas relações de trabalho nas lavanderias; e c) compreender as ações de regulação pública da atividade e do trabalho, situadas nas discussões da esfera ambiental.

1.2 Justificativa e contribuição do estudo

Numa pesquisa de caráter qualitativo, o olhar do pesquisador direciona-se para compreender o fenômeno estudado segundo a perspectiva dos seus praticantes (DENZIN; LINCOLN, 2006). Ações de instituições paraestatais voltadas à organização produtiva das lavanderias industriais do Pólo, bem como a crescente utilização do segmento para agregar valor às peças de vestuário, indicam que as dinâmicas que ocorrem nesse espaço produtivo podem revelar facetas que nos ajudam a desvendar o Pólo de Confecções e seus diálogos com a lógica do grande capital.

Na região, as lavanderias já somam 120 un., aproximadamente (LIMA, 2001), e parecem acompanhar o movimento de inserção do *Pólo* na dinâmica do capital, o que é visualizado, principalmente, no processo do beneficiamento do *jeans*. Quanto mais se profissionalizam os meios de produção e ampliam-se os mecanismos de inserção no mercado, diferenciando os produtos, maior pode ser a procura por lavanderias. Neste ambiente, compreender as repercussões da ampliação do segmento e as relações de trabalho nas lavanderias é um esforço que se coaduna à Sociologia do Trabalho e insere-se na agenda de estudos do GP Trabalho, Políticas Públicas e Desenvolvimento.

Em adição aos aspectos elencados, outro ponto que consideramos importante é que a pesquisadora está próxima geograficamente do objeto de estudo, tendo realizado trabalhos anteriores e conversado com alguns atores sociais envolvidos no *Pólo de Confecções* na fase de construção deste projeto. Estes fatos facilitam a entrada no campo, o acesso às informações necessárias, aproveitando parcerias já existentes, a exemplo do SEBRAE e ITEP.

2 Referencial teórico

2.1 O Trabalho e suas Metamorfoses na Crise do Capitalismo

O trabalho surge quando o homem busca satisfazer as suas necessidades - a produção da vida material. A sofisticação das necessidades vai alterando as relações sociais, que são determinantes da condição histórica do trabalho, que juntamente com as organizações técnicas dão origem aos modos de produção (OLIVEIRA, 2006).

Os modos de produção passaram das formações primitivas de cooperação, em que não havia excedente de produção e propriedade privada, para a lógica de acumulação típica do capitalismo, onde há separação entre os proprietários dos meios de produção e a força produtiva. Neste cenário, o autor (2006) enfatiza que a extração da mais-valia representa, por excelência, a exploração capitalista por meio do lucro, traduzido em tempo extra de trabalho, não remunerado.

A crise do capitalismo, nos anos 60 e 70, especialmente na Europa e Estados Unidos, viu no modelo fordista de produção, que era marcado pela rigidez no processo produtivo, impedimentos à acumulação do capital. Algumas experiências no âmbito da organização industrial apontavam para uma possibilidade de acumulação confrontando com o fordismo (HARVEY, 2010): a acumulação flexível, que se apóia na “flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões e consumo” (HARVEY, 2010, p. 140).

No Brasil, a partir dos anos 90, com a abertura dos mercados e as privatizações, no Governo Collor, iniciou-se um processo de reestruturação produtiva, marcado por terceirização, subcontratação, enxugamento de quadros, característico de uma flexibilização institucional do mercado de trabalho (COSTA, 2005).

Sob o pretexto de combater o desemprego, que com a globalização, a reestruturação produtiva e a liberalização e privatização da economia ganhava dimensões cada vez mais contundentes, os sucessivos governos que se estabeleceram a partir do começo da década de 1990 passaram a adotar medidas sistemáticas visando à flexibilização das relações de trabalho, argumentando que com isso reduziriam custos com “encargos sociais” e incentivariam as contratações e, conseqüentemente, a formalização das relações de trabalho (VÉRAS DE OLIVEIRA, 2011a)

Uma maior mobilidade produtiva e financeira do capital propicia a descentralização produtiva, implicando em alterações nos métodos de gestão, na organização empresarial e nas

relações de trabalho. Todas estas características, segundo Vêras de Oliveira e Moreira (2009), são manifestações do poderio do capital, impondo perdas aos trabalhadores, em uma época de enfraquecimento do poder dos sindicatos e aumento da mão-de-obra excedente.

Antunes (2004) adverte que o padrão de acumulação industrial do capitalismo brasileiro desenvolveu-se internamente através de um processo de alta exploração da força de trabalho, expressa por baixos salários, jornadas de trabalho prolongadas e em ritmo intensivo. A precariedade do trabalho se fez presente.

Segundo Harvey (2010, p. 184), “a acumulação flexível tem de ser considerada uma combinação particular, quem sabe, nova de elementos primordialmente antigos no âmbito da lógica geral da acumulação do capital”. Logo, neste cenário, a precariedade do trabalho precisa ser analisada considerando este contexto de natureza (ainda) provisória.

No país, em regiões onde a organização da produção ainda não se manifesta notadamente inserida na lógica do grande capital, o trabalho precário apresenta formas híbridas, com contornos ainda indecifráveis, procurando se caracterizar e situar-se no cenário nacional e internacional.

2.2 O Pólo de Confecções, as Lavanderias e as Relações de Trabalho: Construindo Possibilidades de Diálogos

O *Pólo de Confecções* é um aglomerado produtivo e comercial situado no Agreste de Pernambuco - região entre a Zona da Mata e o Sertão Semi-árido (VÉRAS de OLIVEIRA, 2011b). Essa denominação significa dizer que existem, no local, aglomerações de empresas vinculadas a uma mesma especialidade produtiva que se articulam, interagem e cooperam entre si e com outros atores locais (SEBRAE, 2003). Esta caracterização é pertinente ao conceito de Arranjo Produtivo Local, proposto por Cassiolato e Matos (2004), relacionando-o à ação de agentes econômicos, políticos e sociais⁸ em busca do aperfeiçoamento do processo produtivo e da capacitação para a inovação e gestão.

O *Pólo de Confecções*, no entanto, não “nasce” como *Pólo* e, portanto, APL. A sua origem remonta os anos 50/60 e vincula-se a iniciativas individuais de comerciantes, na busca

⁸ Estes agentes podem ser organismos estatais, universidades, centros tecnológicos, sindicatos, cooperativas, associações. A governança (a maneira como coordenam as atividades) é exercida por uma grande empresa, um conjunto delas, grupo de empresários ou técnicos paraestatais (CABRAL, 2009). No caso em estudo, as ações têm sido coordenadas pelo SEBRAE e ITEP prioritariamente.

por sobrevivência, que negociavam os seus produtos nas Feiras da Sulanca⁹, que são feiras de confecção localizadas em Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe. Estas cidades são consideradas as mais importantes da região, sob o ponto de vista econômico, e se distanciam da capital em 136 km, 167 km e 180 km, respectivamente.

Raposo e Gomes (2003, p. 19) trazem dados que atestam a existência de “12 mil empresas no *Pólo de Confecções*, sendo que, apenas, 8% são formais (o índice de informalidade é de 90%), empregam 76 mil pessoas, produzem 57 milhões de peças por mês e têm um faturamento superior a 144 milhões”.

Com o crescimento da produção e comércio locais, houve, após os anos 80, um elevado fluxo migratório de pessoas, que residiam e trabalhavam em São Paulo, retornando às cidades onde nasceram atraídas por possibilidades de emprego; na maioria das vezes, junto as suas famílias.

Neste cenário, as unidades produtivas originais eram de pequeno porte, de caráter familiar, localizadas, muitas vezes, no domicílio do proprietário e usando mão-de-obra familiar. A informalidade sempre foi um traço característico das relações de trabalho da região, principalmente devido à herança da atividade agrícola (VÉRAS DE OLIVEIRA, 2011b).

Neste contexto de expansão, algumas empresas da cadeia produtiva¹⁰ de confecções surgem apoiadas no crescimento do setor. Silva e Gomes (2011); Raposo e Gomes (2003) confirmam a instalação de lavanderias industriais associadamente à produção de *jeans*, particularmente no município de Toritama. Os autores (2003) afirmam que, na época, havia 50 lavanderias, aproximadamente, voltadas à lavagem, amaciagem, tingimento e descoloração do *jeans*. Em toda a região, estima-se que existam mais de 120 lavanderias (LIMA, 2011), localizadas nas zonas urbana e rural, de caráter formal e informal.

As lavanderias vêm sendo utilizadas para permitir a melhoria na qualidade e gerar efeitos diferenciados nas peças confeccionadas, os quais não se obtêm na produção do tecido plano (fabricação do tecido). Os seus processos:

⁹ O termo Sulanca é uma combinação de Sul (referindo-se a São Paulo) e Helanca (tipo de tecido com fio de poliamida e alto grau de elasticidade), pois os retalhos de tecidos que produziram as primeiras roupas foram trazidos de São Paulo.

¹⁰Cadeia de produção é “uma sucessão de operações de transformação, comerciais, financeiras e de fluxos de informação que se estabelecem entre fornecedores e compradores [...]” (CABRAL, 2009, p. 45)

servem para agregar valor e estilo às peças de vestuário, utilizados principalmente, em tecidos jeans, brim e algodão. Na lavanderia, a peça em tecido cru ganhará efeitos diferenciados, uma vez que ela poderá ser desengomada, amaciada, tingida, envelhecida, alvejada, rasgada, lixada, dentre outros [...] Cada peça possui uma determinada receita de lavagem e um procedimento específico de beneficiamento (www.sebrae.com.br).

O setor, então, insere-se no bojo de modernização da cadeia produtiva de confecções, apostando em produtos diferenciados e na ampliação dos mercados consumidores. O processo produtivo, porém, gera sérias conseqüências ao meio ambiente (lançamento de resíduos químicos sem o devido tratamento) e à saúde do trabalhador, normalmente submetido a condições insalubres e precárias de trabalho (SILVA; GOMES, 2011).

O trabalho nas lavanderias caracteriza-se pelo uso intensivo de mão-de-obra - abundante, barata e desorganizada. Essas indústrias geram em torno de 15 a 20 postos de trabalho cada uma, prevalecendo o ganho por produção e horários de trabalho flexíveis, além da rotatividade de pessoal e presença de contratos terceirizados, conforme a época do ano, seguindo alguma sazonalidade (SILVA; GOMES, 2011).

Retomando a discussão para o *Pólo de Confecções*, percebemos que a sua trajetória gera repercussões nas formas organizativas ali presentes, bem como nos padrões de relações de trabalho que se configuram no local.

Desta forma, a informalidade dos empreendimentos, bem como as relações de trabalho são características que remontam à origem do APL e à iniciativa de pessoas (comuns) de iniciarem uma atividade produtiva de maneira ainda improvisada. Vêras de Oliveira (2011a) aponta que mesmo com as tendências de formalização dos contratos de trabalho e ganhos de assalariamento ainda é predominante a precariedade e a informalidade nas condições de produção e trabalho. Outro aspecto importante, abordado pelo autor (2011a) é que a informalidade tem sido ressignificada e compreendida como flexibilidade, ganhando novos contornos ¹¹.

No segmento de lavanderias, alguns estudos (*i.e* SILVA; GOMES, 2011) indicam um percurso similar, nos empreendimentos de pequeno porte, mas ainda não conclusivo, quanto aos padrões das relações de trabalho.

2 Procedimentos Metodológicos

¹¹ Para maiores detalhes, ver a expressão “novo informal” em Lima e Soares (2002).

Nas ciências sociais, o conhecimento científico pode ser compreendido, notadamente, como uma construção e, como tal, revela-se aproximado e não tem a pretensão de representar a “verdade”. Minayo (2004, p. 15) afirma que “a realidade social é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante.”

A epistemologia adotada procura transcender as dicotomias objetividade e subjetividade e conviver com esse confronto/complementaridade, optando por uma postura dialética (BOURDIEU, 1989), que considera a estrutura e as subjetividades dos atores envolvidos. Nesta direção, o estudo será qualitativo, tratando-se de uma pesquisa descritiva, exploratória e documental, baseando-se nos objetivos propostos, cuja coleta de dados acontecerá por meio de dados secundários e primários, nessa ordem.

Para obtenção de dados sobre a configuração do mercado formal das lavanderias, fontes secundárias serão consultadas como a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

Posteriormente, será realizada a coleta de dados primários. Nesta etapa, serão realizadas entrevistas semi-estruturadas com gestores e funcionários das lavanderias; observação direta (espaço, ambientes, atividades) nas lavanderias; análise de *corpus* documental escrito (documentos referentes à regulação pública do segmento), como folders e minutas de projetos voltados para o segmento (i.e ações do SEBRAE e ITEP).

Em fase seguinte, a análise estatística descritiva será utilizada para os dados secundários. No tratamento dos dados primários, a análise crítica do discurso¹² orientará a interpretação das entrevistas e a observação direta será orientada pela elaboração e interpretação de diário de campo, contendo descrições dos espaços, interações, diálogos entre os atores sociais e impressões do observador.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. Anotações sobre o capitalismo recente e a reestruturação produtiva no Brasil. In: ANTUNES, Ricardo; SILVA, Maria Aparecida M. **O avesso do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

¹² A análise crítica do discurso está presente nos trabalhos de Fairclough, em que o discurso é visto como um tipo de prática social, de representação e significação do mundo. “Nesta teoria, o discurso é entendido como constituinte do social, como um modo de ação, pois é uma das maneiras pelas quais as pessoas podem agir sobre o mundo e sobre os outros, mas é também visto como uma forma de representação, pois nele valores e identidades são representados de forma particular. Os discursos são concebidos como não apenas reproduzindo entidades e relações sociais, mas também como as construindo de diversas maneiras, cada uma das quais posicionando os sujeitos sociais também de diferentes maneiras” (FAIRCLOUGH, 1992 *apud* MARTINS, 2005, p. 315).

CABRAL, Romilson Marques. Organizações e meio ambiente. In: ALBUQUERQUE, José de Lima (org.). **Gestão ambiental e responsabilidade social**. São Paulo: Atlas, 2009.

CASSIOLATO, José; MATOS, Marcelo. Uma análise exploratória dos indicadores RedeSist: o caso dos APLs de confecção. Seminário RedeSist – perspectivas e políticas para sistemas de inovação e aprendizado na América Latina. 2004. Disponível em << www.redesist.ie.uf >>. Acesso em 26 set. 2011.

DENZIN; LINCOLN. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 2010.

IANNI, Octavio. **Capitalismo, violência e terrorismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

LIMA, Jacob Carlos. **As artimanhas da flexibilização: o trabalho terceirizado em cooperativas de produção**. São Paulo: Terceira Imagem, 2002a.

LIMA, Jacob; SOARES, Maria José B.. Trabalho flexível e o novo informal. **Caderno do CRH**, Salvador, nº 37, 2002b.

LIMA, Alexandre Santos. “Empreendendo” a sulanca: o SEBRAE e o pólo de confecções do agreste de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande. Dissertação. Campina Grande. 2011. 103 p.

OLIVEIRA, Carlos Roberto de. **História do trabalho**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2006.

MARTINS, Izabella dos Santos. **Reflexões sobre a análise crítica do discurso**. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (DELTA), online, 2005, vol. 21, n.2, p. 313-321. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502005000200007>. Acesso em: 28 set. 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Rj: Vozes, 1994.

MUNIZ, Helmut; Lenildo Pedro. Parcerias para o desenvolvimento de lavanderias no Brasil. Instituto de Tecnologia de Pernambuco (ITEP). In: **I Congresso Brasileiro de Lavanderias. Associação Nacional das Empresas de Lavanderia (ANEL)**. São Paulo: maio de 2011.

RAPOSO, Maria Cristina; GOMES, Gustavo Maia. **Estudo de caracterização econômica do pólo de confecções do agreste pernambucano**. Recife: UFPE, 2003.

SEBRAE. Serviço brasileiro de apoio às micro e pequenas empresas. O segmento de lavanderias industriais. Disponível em: <<w.w.w.sebrae.com.br>>. Acesso em: 15 set. 2011.

_____. **Termo de referência para atuação do sistema sebrae em arranjos produtivos locais**. SEBRAE: Brasília, 2003.

SILVA, Márcia Costa. O sistema de relações de trabalho no Brasil. Alguns traços históricos e sua precarização atual. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 20, n. 59, p. 111-170, 2005.

SILVA, Amanda Roberta S. da; GOMES, Cícera Maria dos Santos. O rio azul: os impactos da produção de jeans nas águas do Rio Capibaribe em Toritama-PE. In: XXXIII Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Sociologia (ALAS). **Anais eletrônicos...**Recife: ALAS, 2011.

VÉRAS DE OLIVEIRA, Roberto. **Para discutir os termos da nova informalidade**: o caso do pólo de confecções do agreste pernambucano. Campina Grande: mimeo, 2011a.

_____. **O pólo de confecções do agreste de Pernambuco**: ensaiando uma perspectiva de abordagem. Campina Grande: mimeo, 2011b.

VÉRAS DE OLIVEIRA, Roberto; MOREIRA, Eliana M. Sentidos da globalização: um desafio ao pensamento sociológico. In: VERAS DE OLIVEIRA, Roberto; MOREIRA, Eliana M. (orgs.). **O fenômeno da globalização em perspectiva local e multidimensional**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.